

O TEATRO DOS NOVOS

e o teatro de ideias novas

HA vinte e um anos, sob o impulso vigoroso de um homem que tem dado ao teatro o melhor do seu esforço, raras vezes compreendido, um grupo de escritores dramáticos irrelatados, encontrou um campo de acção aberto às suas audácias, às suas justas aspirações de glória, às suas tendências impetuosas de renovação.

Esse campo foi o Teatro Livre, janela aberta ao rumor da vida que invadia o teatro europeu, e esse homem que meteu ombros a tão audacioso empreendimento, foi Araujo Pereira, o encenador que o teatro moderno reclama, e que a rotina e a intriga surda não deixa aparecer com o relêvo que a sua cultura exige.

A obra desapareceu. A sua influência perdura ainda, e o homem, agarrado ao seu sonho, sósinho, com uma vontade tenaz, através muitos anos de luta obscura, através o derrotismo de muitos, a maldade de alguns e a indiferença do maior número, alcançou, com a mesma fé, com a mesma ardência moça, restaurar a sua obra, que deveria ser a obra de nós todos, impô-la ante o nosso assombro, confiando que ela produza, como há muitos anos, a mesma benéfica influência: Criar um teatro que, como o teatro livre, seja um teatro para os novos.

A obra restaurada é o teatro *Juvénia*.

Araujo Pereira não poderia encontrar melhor título para esta soberba realização do seu espírito sonhador, eternamente jovem.

É como se fôsse um novo, corajoso, sonhador, cheio de fé, que ele procura educar actores, que ele solta o alarme da crise teatral, para que lhe apareçam autores, para que irrompam, a colaborar com a sua, vontades moças, entusiasmos juvenis, ardências de sonho e luta, que o ajudem a levar a bom termo a obra empreendida.

! É vêr com que elevada resignação de precursor, com que tenacidade de apóstolo, ele abre o seu teatro a uma plateia indiferente, quasi nula; com que ideal romântico ele anima os seus jovens actores e discípulos, a representar para uma plateia de sete pessoas!

Ao fim de 20 anos de luta, com conhecimentos e experiências que lhe daria a posse do título do maior encenador da península, Araujo Pereira trabalha, trabalha sempre, lançando o seu apêlo, enquanto os seus discípulos, vão representando — e vão-se aperfeiçoando, para que os escutem, uma plateia de sete pessoas!

Entretanto, fala-se num teatro de novos, tendo à frente o sr. António Ferro e João de Castro. Segundo leio nos jornais, é uma ideia que caminha para uma feliz realização. Os seus autores, contam já com um teatro, uma sala do *Tivoli*, um empregário, o sr. Lino Ferreira, e aquele público ansioso, hávido de novidades o de escândalo, que garantirá o êxito da empresa, tão bem administrada.

! E encenador...?

Da encenação, que é o principal elemento numa renovação teatral, é o que fica para o fim, ou talvez nem mereça a atenção dos orientadores do teatro dos novos, e aqui começa a traír-se os princípios que orientam as duas iniciativas. O teatro dos novos, será um teatro para gente nova. *Juvénia*, deve ser um teatro para ideias novas.

O abandono do teatro *Juvénia* dá uma ideia deplorável, do abandono dum reduto, onde essas ideias se expandiriam. São essas ideias que empolgam os escritores que acudiram ao apêlo de Araujo Pereira, porque é preciso que se saiba. Ali, naquele teatrinho, que o público não frequenta, porque ele não corresponde a uma vulgar casa de espectáculos, há já uma grande obra, tecida em silêncio, que dentro de pouco tempo dará seus frutos.

Aquele teatrinho, que comporta um grande ideal de renovação estética, uma grande ancie-

A REVOLUÇÃO SOCIAL É INEVITÁVEL

Só agora me foi possível ler o artigo do camarada Abilos sobre o «Fanatismo da violência e a superstição religiosa», inserido no *Suplemento* de 6 de fevereiro.

Quanto à superstição religiosa estou de acôrdo no modo como a encara, não sucedendo o mesmo na maneira de suprimi-la em que, diga-se, o camarada é pouco concreto.

Falemos da violência, assunto a que temos de prestar bastante atenção a fim de que, no momento próprio, não tenhamos dela um falso conceito.

Uma pergunta me ocorre: como podemos acabar com as iniquidades monstruosas que todos os dias se nos patenteiam num fúnebre cortejo de miséria?

! Elevando, ao mais alto grau, o amor?

! Sim! elevando o amor pelo ideal que defendemos; elevando o amor pelos oprimidos que ululam de raiva, porque vêem os filhos, a companheira perecer de anemia; elevando o amor pela instrução, pela educação e veremos deste amor sublime surgir a revolta; revolta que nos levará à barricada; revolta que nos fará odiar todas as coacções governativas, levando-nos a destrui-las para que não vejamos o espectáculo pavoroso de, em pleno século xx, sucumbirem em imundas prisões nossos irmãos de Ideal e nas pocilgas, em convulsões de frio e fome, nossos irmãos de miséria!

Sim, camarada, quero este amor elevado ao mais alto grau, porque ele gerará a revolta nas massas, revolta que derrubará o iníquo e erguerá o Justo!

O amor pelo qual pugna esse camarada não formará pacifistas — excepção doentia de cérebros mal formados ou decadentes com o avanço da idade, ou ainda sobrecarregados com influências ancestrais — mas sim revoltados que darão o melhor da sua energia à causa libertária; e o pacifismo que deseja acarretar-nos há graves prejuízos quando não nos reduzisse à escuridão mais horrorosa.

A falange de revolucionários que a nosso lado milita, na sua maioria jovens impulsivos, deve ter bem fixo que precisamos lutar, e com denodado esforço, se quisermos fazer derruir o velho edifício social, construindo, depois, o novo, em bases sólidas de equidade e amor social!

* * *

Analizemos psicologicamente alguém que aos estudos sociais se dedique e veremos que se vai operando nele uma transformação a princípio manifestada no amor pelos oprimidos, surgindo, concomitantemente, uma surda revolta por todas as injustiças sociais. Essa revolta, a princípio pequeno regato de palavras e gestos, vai engrossando, tomando, em certa altura, proporções grandiosas, rugindo de furor por o leite, no qual desliza, ser demasiadamente estreito, não lhe permitindo que espalhe suas benéficas águas. Atingindo estreiteza demasiada, rugir e destruir tudo que encontra no seu caminho.

É certo que as perseguições feitas aos nossos antepassados e os sofrimentos infligidos motivam, muitas vezes, o alheamento da juventude, não porque ela não sinta a necessidade de se expandir em favor dos oprimidos, sendo as influências ancestrais, a educação dada pelas famílias, continuada na escola, e outros factores perniciosos, que disso a inibem.

* * *

! Não vê o camarada que o pacifismo, do qual é adepto, prolongaria o sofrimento da humanidade? ! arrastando-se agrihoada pela autoridade despótica de todo o aventureiro que a quizesse reduzir a um montão de ossos!

! Não ouve o choro convulso de milhares de crianças que pedem pão? ! não ouve o grito suplicante dos que, nos ergástulos burgueses, sofrem atroamento? ! não ouve o clamor dos que nas fábricas, oficinas etc., num trabalho intenso, em meios infectos, se tuberculizam? ! não deduz, enfim, de toda esta agonizante dor ser necessária, ser urgente a Revolução Social? — essa revolução que suprimirá a autoridade e iniquidade económica e todas as suas funestas consequências!

! Venha essa revolução emancipadora!

Vouzela, Fevereiro, 23-2-925.

CONSTANTINO FIGUEIREDO

dade de representação integral das aspirações humanas, comporta já um magnífico repertório constituído por originais portugueses. Rocha Martins, tem lá uma peça: «Nosso prezado colega»; Adolfo Lima, entregou: «Serão familiar», «Sempre escrava», «Branca» e «Auto de luto».

César Pôrto, entregou também: «Dóminó», «Uma pessoa que passa», «O hospital de doidos», «Não matarás», «Não furtar», «Tragédia antiga» e «A boa Elisa».

Ferreira de Castro tem lá uma peça, e Raul Brandão, as peças: «O doido e a morte», «O avejão», «O moinho» e o monólogo do «Rei imaginário».

Lisboa intelectual

Alguns aspectos da sua frivolidade

VIVEMOS uma época de terrível frivolidade, e dizemos terrível, porque o seu campo de acção invade tudo, semeando por toda a parte a inconsistência, a apatia, dessimulada num falso espírito *blagueiro*. A ância de ter espírito, a aspiração absorvente dum comentário que deita abaixo, e que provoca o riso, substitue toda a tendência para a iniciativa honesta, para o trabalho probo, em que a colectividade aproveite, ou o indivíduo se manifeste numa maior expansão de sociabilidade. Nada. A persistência, o espírito de continuidade, o «elan» renovador desaparecem neste terreno movediço que é o nosso meio intelectual, amolecido no culto da *blague*. O interesse pelas grandes obras é substituído pelo interesse, pelo amor, pelo sádico afan de coligir aspectos superficiais, anedóticos, seja ele de um indivíduo, seja dum plano de realizações. Quando um nome aparece, ligado a uma iniciativa, a primeira atitude do nosso meio intelectual é investigar como veste esse indivíduo, que aspectos grotescos poderá oferecer, a ância demolidora pela caricatura falada, que é *blague*. Desenvolve-a para isto, como actividade prodigiosa.

Aquela organização, aquele método de trabalho em conjunto que deveria ser a norma de actividade de uma geração, e que entre nós não existe, prontamente se estabelece, não para a análise de uma iniciativa proposta, mas para o estudo demolidor da personalidade que o propõe. O trabalho, então, subdivide-se e aparecem informações genealógicas sobre o homem que conduz o aspecto renovador. Sabe-se rapidamente os seus hábitos. Um pouco mais e aparece um relatório sobre as suas dívidas, e no fim, vão ao seu nome e fazem trocadilhos; vão ao seu lar e arrancam de lá material para todas as infâmias, ditos, espalhados sob uma forma inocente, às mesas dos cafés.

É observar um centro literário ou político, é penetrar o sentido espirituoso de todas as reuniões, de todos os cenáculos... A senha é esta: «Vocês já sabem?». E ali surge uma avalanche de insidias sobre as formas inocentes da trivialidade, ali surge a insignificância, a tomar foros de transcendência, na maneira tortuosa como se repetem, com recomendações misteriosas, o segrêdo duma vida, um suposto escândalo, transformando o aglomerado de ouvintes intelectuais, num círculo de intriguistas, em palratório de lavadeiras.

A causa desta colaboração das *elites*, com o ambiente derrotista de certas insidias pavorosas, é a atracção inconsciente quasi, para a cómoda atitude de espectador benevolento, ante todo o fiel patife que apareça envenenando uma reunião, encobrando os seus ódios, com uma piada.

Esta atitude assinala um sintoma grave duma geração, a sua crise de vontade é a sua tendência para os espectáculos sempre renovados, sejam eles de que natureza forem. Contrae-se assim o hábito de não pensar, porque toda a actividade mental é desviada neste sentido.

— ? O que se diz?... ? O que pensa fulano? Raríssimos são aqueles que se atrevem a pensar, que se atrevem a dizer alguma coisa. O que importa é saber o que pensa o vizinho, é extrair matéria para *blagues*, daquilo que ele diz, ou intentar fazer.

! Como reagir? Naturalmente fazendo um apêlo aos verdadeiros homens, lembrando-lhes que é preciso sanear o ambiente, começando por combater estes hábitos femeninos, estes hábitos de frivolidade, estes hábitos bisbilhoiteiros...

EDUARDO FRIAS

... O primeiro de todos os bens não está na auto-riedade, mas na liberdade. — JEAN JACQUES ROUSSEAU